

A FORMAÇÃO EM MÚSICA E A ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFRN: uma reflexão sobre a sua prática musical.

Ana Claudia Silva Morais
UFRN
anaclaudiaifrn@gmail.com

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de refletir sobre a prática musical da Orquestra Sinfônica da UFRN acerca da sua formação em música enquanto grupo de *performance*, referindo-se à sua dinâmica de ensaios e a aprendizagem colaborativa entre os alunos músicos, assim como a formação musical do público participante dos concertos didáticos. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que elucida através da teoria o que é refletido na prática da Orquestra Sinfônica da UFRN e um pequeno questionário para alguns músicos, selecionados de maneira aleatória, sobre o entendimento dos mesmos sobre o Ensaio e o Concerto Didático. Os resultados dessa investigação apontaram para a consciência de que o ensaio é um momento significativo de aprendizado e cooperação entre os alunos músicos e o concerto didático é uma prática imprescindível para a formação musical e integral do indivíduo. Contudo, sentimos a necessidade de estudar mais sobre o assunto, com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre o tema e o objeto de estudo através de uma posterior pesquisa de campo.

Palavras chave: Formação musical; interações pedagógico-musicais; orquestra sinfônica.

Introdução

A música enquanto área do conhecimento representa uma forma de expressão humana que auxilia no desenvolvimento cultural, cognitivo, estimula o contato com diferentes linguagens, contribui para a sociabilidade e democratiza o acesso à arte. Inserida nessa grande área está a educação musical, formada por um conjunto de saberes, com diferentes formas de execução e que vem desenvolvendo-se ao longo do tempo em parceria com outras áreas do conhecimento, objetivando assim, diálogos que ampliem as discussões da área e contribuam com suas experiências (ARROYO, 2002; DEL BEN, 2001 e 2003).

Diversos estudos tem demonstrado a importância da educação musical no contexto escolar e da *performance* no contexto da escola especializada, geralmente tratadas separadamente, entretanto, pouco se tem estudado sobre a educação musical no universo da *performance*. Considerando que ambas as áreas compartilham de saberes e interações pedagógico-musicais significativos é importante que professores que trabalham no campo da

música saibam adaptar os conhecimentos da área de música aos contextos educacional e dos alunos.

Essas interações entre educação musical e *performance* são estabelecidas concomitantemente da *performance* para a educação musical e *vice-versa*. No contexto escolar a vivência com a música pode ser instituída de diversas maneiras, como aulas expositivas, práticas integradoras, interdisciplinares, transdisciplinares, de campo¹, entre outras. No que concerne especificamente às aulas de campo, podemos citar como exemplo a aproximação e apreciação musical de grupos camerísticos como trios, quartetos, entre outras formações, assim como de grupos maiores, por meio da apreciação de concertos didáticos de Orquestras de Câmara ou Orquestras Sinfônicas.

De acordo com Bastião (2010), a apreciação musical caracteriza-se como um processo ativo de audição, pois, apreciar não significa simplesmente ouvir, mas ouvir com atenção, com compreensão, com senso crítico e estético. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) - lei nº 9.394/96, sugerem que a apreciação seja trabalhada de forma significativa, isto é, através da “Escuta, Envolvimento e Compreensão da Linguagem Musical” (BRASIL, 1998, p. 84).

Assim acredita-se que sair dentre os muros da escola para conhecer novas formas de executar e apreciar a música é relevante para os alunos, pois além de apresentar um diálogo entre educação musical e *performance*, os estudantes tem oportunidade de ampliar seus conhecimentos musicais e suas opções de escolhas musicais. Portanto, entendendo que a orquestra sinfônica é um desses espaços que promove o fazer artístico e a aprendizagem musical vivenciada coletivamente nas mais variadas interações, refletimos a respeito do trabalho realizado pela Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e através de seus concertos didáticos voltados para o público das escolas básicas (públicas e privadas) do estado do Rio Grande do Norte.

A Orquestra Sinfônica da UFRN e a formação musical de seus participantes.

¹ A aula de campo corresponde a uma visita (técnica) de alunos para outros espaços fora da escola básica como: universidades, escolas de música, teatros, entre outros. Acreditamos que esse tipo de metodologia favorece o desenvolvimento do aluno no processo de ensino e aprendizagem, pois permite a eles o contato com aspectos mais amplos e oportuniza visualizar na prática o que foi trabalhado inicialmente em sala de aula.

A Orquestra Sinfônica da UFRN (OSUFRN) é constituída por músicos alunos dos cursos: técnico, graduação e pós-graduação da Escola de Música da UFRN. A Orquestra vem, a cada concerto, se firmando como um dos principais *ensembles* orquestrais do Nordeste e mais atuantes do Rio Grande do Norte. Sob a direção do Maestro André Muniz, o grupo recebeu, em 2011 e 2012, o “Prêmio Hangar” de melhor espetáculo e já se apresentou em quatro estados brasileiros incluindo participações na Mostra Internacional de Música de Olinda (MIMO), e SESC-SP em parceria com a Sinfônica Heliópolis, além de ter atuado com solistas de referência como Martin Ostertag, Italo Babini, Fany Solter e Stefano Algeri. A Orquestra Sinfônica é um Grupo Permanente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e desde 2011 mantém convênio com o Serviço Social do Comércio (SESC) produzindo espetáculos que tem sido sucesso de crítica e público (ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN, 2013).

O Projeto Parcerias Sinfônicas SESC é uma ação institucional em prol da valorização da cultura potiguar, realizada por meio da formação musical e do incentivo ao surgimento de novos talentos. O projeto tem a proposta de promover parcerias entre SESC e orquestras, grupos sinfônicos e camerísticos, solistas, arranjadores, compositores e produtores, de modo a incentivar a produção musical local, com foco na formação de músicos e de plateia (SESC, 2013). Dessa forma, a parceria contribui com o trabalho realizado pela universidade (UFRN) em formato de laboratório de prática e *performance* para os alunos de instrumento e de regência da Escola de Música da UFRN.

Assim, a Orquestra Sinfônica da UFRN em comunhão com o projeto Parcerias Sinfônicas SESC mantém em seu planejamento anual a realização de Concertos Oficiais e Concertos Didáticos para a comunidade, envolvendo o público em geral e as escolas básicas, respectivamente.

Nessa perspectiva a orquestra ensaia regularmente de duas a três vezes na semana, durante três horas. O ensaio é conduzido pelo maestro, professor da Escola de Música da UFRN sob o acompanhamento de uma aluna de regência, na condição de regente assistente. O grupo é organizado por naipes e esses são classificados como: cordas, madeiras, metais e percussão, constituídos assim, pelas famílias dos instrumentos musicais.

Além dos ensaios com toda a orquestra há ensaios de naipe, onde o músico que hierarquicamente ocupa a primeira estante, considerado aquele com mais experiência e/ou desenvoltura no instrumento do naipe é nomeado chefe de naipe e tem a função de orientar

seus colegas realizando ensaios extras, se necessário for, com o objetivo de melhorar o desenvolvimento e a *performance* do naipe durante os ensaios com todos os participantes da orquestra. Dessa forma, observa-se empiricamente que as práticas de estudos associadas aos ensaios e apresentações estão inseridas na metodologia da aprendizagem colaborativa, visto que além das orientações do professor – maestro, os participantes também aprendem uns com os outros, de forma não sistematizada.

Quanto ao professor/maestro, deve dispor de um conjunto de saberes e habilidades para lidar com a diversidade de um grupo orquestral, como: saber musical, habilidade de ensinar o repertório, espírito de liderança para conduzir o grupo, organização de conteúdos, técnicas de regência e apreciação musical (MATHIAS, 1986). Pois, compreende-se que o maestro é fundamental no processo de transmissão e de ensino e aprendizagem na premissa de que possui conhecimentos e experiências para compartilhar e contribuir com os alunos músicos, através da sua postura enquanto motivador e condutor do processo de educação musical.

Assim, entendendo a importância das interações entre maestro e alunos músicos, perguntamos a dezessete músicos², escolhidos de maneira aleatória, se eles consideram que o ensaio é um momento de aprendizado. As respostas foram diversas, mas de modo geral, a maioria enfatiza que sim. Para eles o ensaio é mais do que simplesmente ler partituras, pois ensina a tocar em conjunto, a entender o grupo como um laboratório de câmara, a interpretar as obras consideradas como ‘repertório de orquestra’, oportuniza desenvolver a técnica do instrumento e ensina a agir de maneira diferenciada, em conjunto, sendo capaz de alcançar objetivos comuns, algo que sozinhos não seria possível. Corroborando com essa ideia, abaixo citamos dois depoimentos de alunos músicos da orquestra:

[...] é um lugar e um momento em que os membros da orquestra aprendem a trabalhar juntos (especificamente na OSUFRN, um ambiente escolar). Conversar, criticar construtivamente, discutir detalhes musicais. Aprendemos a respeitar as opiniões dos outros, mesmo sendo diferentes das nossas (B.C, 2013).

Então, eu considero sim um aprendizado, ainda mais pra mim que sou do interior porque é na hora do ensaio onde aprendemos respeitar uns aos outros, trabalhar em equipe e sempre nessa hora, onde o maestro e coordenadores dão exemplos de vida, nos motivam a estudar, sempre

² Os músicos investigados não serão identificados pelo o nome, sendo representados por algumas letras.

falando como é a vida profissional e isso é demais! E não tem nada melhor do que fazer música, junto com os amigos (B.A, 2013).

Nesse sentido, para haver um bom desempenho e funcionamento da orquestra os participantes que a compõem precisam se comunicar e trabalhar conjuntamente para a obtenção dos objetivos em comum, pois na efetivação da aprendizagem colaborativa o professor atua como um mediador do processo de aprendizagem, oferecendo espaço para que haja interação entre os envolvidos. Na Orquestra Sinfônica da UFRN esse compartilhamento de ideias é enfatizado, principalmente nos ensaios de naipe. Corroborando com essa ideia, Joly e Joly (2011) relatam que:

Na experiência da orquestra, a música como forma expressão pode ser um meio de diálogo entre os músicos que tocam lado a lado, que se organizam em pequenos grupos, que reinventam as características de cada naipe de instrumentos e encontram formas expressivas de aproximação e comunicação. Consciente de si, de seu papel e de sua responsabilidade dentro do grupo, os músicos trabalham em conjunto nos diversos fazeres do cotidiano da orquestra, criando e fortalecendo laços de amizade. (JOLY; JOLY, 2011, p.84).

Desse modo, refletimos que mesmo tratando-se de um grupo bastante heterogêneo, por ser composto por diferentes gostos e opiniões pessoais, encontramos nos participantes da orquestra a valorização das práticas sociais e da convivência.

Formação em música através dos Concertos Didáticos.

Os concertos didáticos apresentados pela a Orquestra Sinfônica da UFRN geralmente acontecem por uma combinação de palestra, audição/apreciação e interação entre maestro, músicos e público em geral, em uma média de quatro concertos por ano. O planejamento do concerto didático fornece informações sobre as famílias dos instrumentos sinfônicos; a postura do apreciador em uma sala de concerto e curiosidades dessa formação de grupo, levantando questões que promovam a interação e reflexão do público, como: qual é o instrumento do maestro?; o que é e qual é a função do *spalla* e do chefe de naipe?; além de outros pontos como formas musicais; propriedades do som, etc. Referente às interações musicais, Dias (2012) narra que:

Goffman (1975, p. 23) define a interação como a “influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física

imediate”, acrescentando que o termo “encontro” também seria apropriado. A interação focalizada, descrita por Goffman (1975), requer troca de informações, ou mesmo comunicações, e se dá quando algumas pessoas se reúnem e cooperam abertamente, mantendo-se em um só centro de atenção e falando geralmente um por vez (DIAS, 2012, p.135).

Para promover essa interação, a equipe gestora da orquestra (maestro, regente assistente e administradora) escolhe um repertório diversificado, envolvendo canções folclóricas, composições eruditas e populares, estimula a participação dos músicos ao falarem sobre seus instrumentos e a participação de solistas (instrumentais e/ou vocais) – membros do grupo orquestral ou convidados.

Durante a execução do concerto didático o maestro estimula a participação dos alunos abrindo espaço para o tira-dúvidas através de perguntas sobre a orquestra e assuntos relacionados e convida ainda alguns estudantes para participarem regendo a orquestra no palco, nesse caso, os músicos são orientados para seguir a regência do convidado.

Diante do exposto e de acordo com pesquisa bibliográfica sobre essa prática em outras orquestras do Brasil é possível compreender que concertos didáticos realizados por orquestras sinfônicas pretendem de maneira geral:

- Expandir e formar público para a música de concerto;
- Promover o desenvolvimento intelectual e emocional dos indivíduos buscando a construção da cidadania para a atuação nas diversas esferas sociais;
- Ampliar o universo musical de crianças e adolescentes pelo envolvimento direto com música por meio da apreciação musical;
- Facilitar, a diferentes públicos, o acesso as principais perspectivas teórico-práticas em música e educação musical, por meio do contato com a produção brasileira e estrangeira mais recente (concertos didáticos, livros, softwares).
- Instrumentalizar os profissionais do ensino básico e de música para atuarem como mediadores e facilitadores do processo de ensino e aprendizagem musical de seus alunos (KRÜGER; HENTSCHE, 2003).

Corroborando com as autoras acima citadas, os alunos músicos da Orquestra Sinfônica da UFRN selecionados para essa pesquisa declararam suas opiniões quando perguntados sobre: Qual a importância do Concerto Didático, tanto para o público das escolas básicas, quanto para os próprios músicos? A esse respeito, a maioria diz que o concerto didático é uma ferramenta importante na formação das crianças e jovens, pois contribuem para fomentar a cultura e oferecer outras possibilidades de audição e apreciação musical, visto

que a música midiática se apresenta fortemente no cotidiano dos alunos visitantes. Assim, exemplificamos através do relato de dois alunos músicos, abaixo:

Acredito que o Concerto Didático seja muito importante para a formação escolar das crianças e jovens da escola básica. É um momento em que as crianças podem: ver, ouvir, curtir, discutir, perguntar, rir, viver - a música clássica num ambiente que encoraja completamente, todas essas ações (B.C, 2013).

Sim, acredito que eles têm um papel fundamental na formação das crianças e adolescentes, especialmente na nossa cidade que é tão carente de espaços voltados a audição de música erudita. Certamente esses jovens teriam pouquíssimas chances de conhecer uma orquestra e seu funcionamento sem um concerto didático. Os concertos também contribuem para a formação de plateia, muito embora acredito que apenas esse contato seja insipiente para tornar esses jovens em apreciadores de orquestra. Acredito que o trabalho de formação de plateia exige um antes e depois nos quais a escola tem um papel fundamental (S.M, 2013).

De acordo com a fala dos alunos músicos percebemos que para eles o concerto didático oferecido por uma orquestra sinfônica é importante para a formação musical dos alunos, assim como sua preocupação em haver um maior direcionamento das instituições educacionais frente à formação continuada e integral do indivíduo, nesse caso, referindo-se especificamente à formação de plateia e de apreciadores musicais conscientes e críticos. Já para a orquestra, os alunos músicos relatam que aprendem bastante ao lidar com os visitantes dos concertos didáticos, pois geralmente apresentam para eles instrumentos e músicas antes não conhecidas. Acreditam que esses concertos podem despertar a curiosidade dos alunos e a vontade de um dia estudar música ou um instrumento específico, como relatam os depoimentos abaixo:

Para a orquestra é uma experiência muito legal, pois faz com que ela interaja com as crianças [...]. Pra mim é um privilégio tocar e apresentar o meu instrumento para criança, mostrar pra elas que se você se dedicar em alguma coisa, pode até não ser na música, mas em outras coisas, você irá conseguir [atingir seu objetivo] pela sua dedicação (B.A, 2013).

Outro ponto positivo tanto para a orquestra como para as crianças é a interação com que apresentamos cada instrumento, procurando sempre levar para realidade deles, tocando músicas do repertório dos desenhos animados. Visando assim que eles se identifiquem com os instrumentos e passem a gostar da música instrumental ou até mesmo desenvolvam o interesse em aprender alguns dos instrumentos (A.P, 2013).

Por isso, analisando a diversidade musical desse espaço percebe-se que a vivência da música orquestral através de concertos conduzidos de forma acessível tem o potencial de ampliar o universo cultural dos alunos, pois consideramos que uma educação musical plural é imprescindível para a construção da formação integral dos mesmos.

Considerações Finais

Ao perceber a infinidade de possibilidades e experiências de aprendizagem coletiva existente nesse espaço de formação musical, a Orquestra Sinfônica da UFRN, tais como: o ensaio e os concertos didáticos, observa-se a diversidade de pensamentos e opiniões, os vários níveis de apropriação do instrumento de cada músico, a habilidade compartilhada em busca de transformar as diferenças em unidade, além das interações pedagógico-musicais entre maestro, músicos e o público.

Por esse motivo, entendemos que esse universo é bastante amplo para desenvolver pesquisas e investigações sobre as interações pedagógico-musicais presentes entre os participantes da orquestra; entre alunos músicos e professores (maestro e professores colaboradores) e entre a orquestra e o público, sobretudo, o público presente nos concertos didáticos.

A escola básica, que geralmente participa desses concertos didáticos, também é um espaço bastante diverso e heterogêneo, composta por crianças e jovens em desenvolvimento e por professores/servidores que deverão estar em frequente formação continuada, pois precisam acompanhar as constantes transformações da sociedade. Assim, tanto a orquestra sinfônica quanto a escola básica se relacionam e são espaços, onde há educação musical, relevantes para realizar um estudo aprofundado, o que possibilitará observar e analisar as formas de ensino e/ou aprendizagem musical e as relações sociais envolvidas no fazer artístico da prática orquestral.

Portanto, com os resultados dessa futura investigação, pretendemos fornecer dados para a ampliação da bibliografia na área da Educação Musical, através de uma reflexão acerca das interações pedagógico-musicais e da aprendizagem colaborativa, e na área da *performance*, proporcionando uma visão mais abrangente a respeito da importância da prática orquestral, tanto na formação dos seus participantes, quanto do público presente nos concertos didáticos da Orquestra Sinfônica da UFRN.

Referências

ARROYO, Margarete. Educação musical na contemporaneidade. In: II Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2002, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2002, p.18-29.

BASTIÃO, Zuraída Abud. A abordagem AME: elemento de mediação entre teoria e prática na formação de professores de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V.23, 15-24, mar. 2010.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 11.769 de 18 de ago. de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 ago. 2008.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DEL-BEM, Luciana. Múltiplos espaços, dimensionalidade, conjunto de saberes: ideias para pensarmos a formação de professores de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.8, p. 29-32, 2003.

_____. A delimitação da educação musical como área do conhecimento: contribuições de uma investigação junto a três professoras de música do Ensino Fundamental. *Em Pauta*, Porto Alegre, v.12, n. 18/19, p.65-93, abril/novembro 2001.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da prática coral. *Revista da ABEM*, Londrina, V.20, N.27, 131-140, jan-jun 2012.

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN. *Orquestra Sinfônica da UFRN*. Disponível em: <http://www.musica.ufrn.br/em/?page_id=1470>. Acesso em jun. 2013.

JOLY, Maria Carolina Leme; JOLY, Ilza Zenker Leme. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. *Revista da ABEM*, Londrina, V.19, N.26, 79-91, jul-dez 2011.

KRÜGER, Susana Ester; HENTSCHKE, Liane. Contribuições das orquestras para o ensino de música na educação básica: relato de uma experiência. In: HENTSCHKE, Liane; DEL-BEM, Luciana (org). *Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003.

MATHIAS, Nelson. *Coral: um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1986.

SESC. *Nova edição do Projeto Parcerias Sinfônicas SESC homenageia Luiz Gonzaga*. Disponível em: <<http://www.sescrn.com.br/noticias.php?n=40078>>. Acesso em jul. 2013.